

Educação: novos olhares para se evitar a repetição do passado

Janaína Maria Lopes Ferreira¹

(...) É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

José Saramago

RESUMO

O intuito desse artigo é provocar uma reflexão sobre a forma como o ranço da escola tradicional ainda assombra a escola contemporânea. Ainda hoje, ensinamos como fomos ensinados e há muito pouco de modificação no ambiente educacional em plena era do conhecimento tecnológico. Muitos professores ainda se amedrontam frente aos recursos midiáticos e deixam seu uso para depois, confinados no modelo tradicional de ensino. Além disso, o próprio universo escolar ainda prende-se ao passado com reuniões desgastantes e nomenclaturas estranhas para um universo educacional. Faz-se necessário uma aculturação entre os profissionais envolvidos na educação a fim de que possamos reinventar a educação através do olhar para o novo.

Palavras-chave: Educação. Tecnologia. Professores.

ABSTRACT

The purpose of this article is to provoke a reflection on how rancid the traditional school still haunts the contemporary school. Even today, we teach how we were taught and there is very little change in the educational environment in the era of technological knowledge. Many teachers still frighten forward to midiactics resources and leave for later use in confined traditional teaching model. Besides, in addition, the school environment itself still clings to the past with stressful meetings and strange nomenclatures for an educational universe. It is necessary an acculturation among professionals involved in education so that we can reinvent education through a new vision.

Keywords: Education. Technology. Teacher

Refletir e dialogar sobre educação é prazeroso, mas nada fácil. Principalmente, quando ainda temos o ranço da escola antiga tão presente no cotidiano escolar. O que deveria ser usado como exemplo do não fazer, do incorreto, passa a ser a

¹ Professora Mestra em Educação pela Universidade de Londres. Discente da Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal e coordenadora do curso de Secretariado Executivo Trilingue da mesma instituição.

repetição com pequenas modificações eufemísticas. Continuamos educando como fomos educados. Recebemos e aprendemos belas teorias, mas na prática sempre a mesma aula, os mesmos dilemas e as mesmas metodologias de ensino. Isso é preocupante em pleno século XXI com tanta tecnologia e novidades surgindo a todo instante. A EAD (Educação a Distância), por exemplo, surge como uma presença desafiadora dentro do ambiente educacional, fazendo com que muitos professores tenham medo e se sintam inseguros para combinar as questões tecnológicas com as práticas sociais e emocionais. Belloni afirma que, “É essencial a formação de professores plenamente atualizados e em sintonia com as aspirações e os modos de ser das novas gerações” (2002, p. 12). A atual sociedade da Informação e da Comunicação deveria ser considerada por todos os aprendizes como um espaço democrático que fornece oportunidades de enriquecer o conhecimento ligando as pessoas, as diferentes ideologias e conectando as culturas. Os recursos oferecidos pela Internet possibilitam que os professores tenham acesso a uma série de obras, textos, sons, hipertexto, curiosidades, conteúdos informativos e outros recursos capazes de enriquecer o cotidiano por vezes cansativo da escola pública. Tais recursos, portanto, podem-se tornar uma forma mais sofisticada de melhorar as aulas, adquirir conhecimentos e constituem um sistema vitalício de aprendizagem no campo educacional.

A educação na contemporaneidade deve abranger essa avalanche de informações constantes que a internet propicia. Não há como permanecer inerte frente aos recursos tecnológicos na educação. A aculturação dos professores a esse meio midiático poderia evitar que fossemos ainda vítimas de uma escola comparada a uma fábrica ou a uma prisão. A educação fordista ainda assombra as escolas: produção rápida, perfazendo o que podemos chamar de conhecimento superficial, em uma linha de montagem, alunos enfileirados repetindo ações através de comandos. Lembremos do filme de Charles Chaplin, Tempos Modernos (1936), no qual podemos comparar a atitude repetitiva feita na fábrica pelo personagem principal como essa repetição do conhecimento que não abre espaço para a criação, a inovação ou a descoberta. Isso leva a desmotivação e ao desgaste tanto para educadores quanto para educandos. Além disso, nossa própria nomenclatura escolar ainda denuncia um comparativo prisional: temos as **grades** curriculares e a **prova**, parece que é uma tentativa de provar que somos inocentes e assim conseguirmos a libertação, ou seja, ir para outra série e repetir todo o processo. Nosso espaço é limitado: enfileirados e ouvindo em silêncio o detentor do saber, no caso, o professor. Vigilância e punição são os substantivos que permeiam a educação, ao invés, de protagonismo e da cooperação. Assim, estar na escola passa a ser uma penalidade e não um prazer, um descobrir a cultura e construir seus valores. A escola se torna algo detestável e estar nela é como uma obrigação para se conseguir a maioria e dar o grito de liberdade. Mas como transformar essa escola? Apenas a aculturação tecnológica² será suficiente? Quais meios podem ser usados para transformar esse quadro?

² Ao mencionarmos a aculturação tecnológica estamos nos referindo a transformação cultural do próprio indivíduo com relação aos saberes que a tecnologia proporciona, levando a uma nova postura diante dos recursos apresentados.

A resposta, cremos, é muito ampla e uma solução ainda está distante de ser encontrada. Mas todo caminho deve ter seus passos e cremos que um desses passos está na própria educação e em quem a faz. Somos nós, os educadores, que devemos lançar um novo olhar para nossos alunos, redescobrir a satisfação de propiciar momentos cognitivos produtivos, reaprender a ouvir as ideias, as reflexões e as novidades que os alunos trazem diariamente para a sala de aula. Essa “conexão” deve ser estabelecida por uma educação dialógica aliada à chamada Pedagogia da Presença³, que deve ocupar o lugar do quadro assustador do passado, no qual o aluno não tinha voz e a presença do professor era temida e não aguardada. A educação atual pede um incentivo maior à integração, à solidariedade, ao desenvolvimento da competência e à autonomia do educando. Devemos nos preocupar com uma mudança constante do aluno em uma pessoa construtiva capaz de identificar e resolver problemas. Como explica Schwartzman:

O que estudante precisa aprender? Esta questão dá margem a grandes discussões filosóficas, mas admite também uma resposta simples: ele precisa adquirir os conhecimentos e as habilidades que o capacitem para viver em sociedade, de forma tão plena quanto possível. Isto implica tanto valores quanto conhecimentos e habilidades de comunicação, busca e uso de informação. (SCHWARTZMAN, 2003, p.489).

Há, portanto, a necessidade de se contextualizar o conhecimento, para que o aluno use o espaço (ainda que restrito) para mostrar suas próprias construções intelectuais. Precisa-se ensinar valores e aprender com eles. Trazer a família para a escola também parece ser uma boa solução para a melhoria do quadro apresentado, mas como fazer isso, se nas próprias reuniões de pais e mestres, os professores só lamentam e reclamam dos alunos? Vejam que continuamos com o já dito ranço da escola pública. A reunião de pais e mestres deve ser um momento produtivo, no qual todos conheçam e reconheçam o papel de cada um na responsabilidade de transformar o aluno em um verdadeiro cidadão. Esse momento deve ser o de receptividade e não de rejeição. Devemos transformar esses momentos conscientizando a equipe docente dos pontos citados acima e transformar a reunião de pais e mestres em um momento mais bem-sucedido para todos. O excesso de burocracia, planilhas, relatórios e outros às vezes impedem essa organização, mas é preciso que saibamos que educação não se faz apenas com papel e sim com a troca de olhares, o sorriso de bom dia e o compartilhar saberes. Afinal, não é na escola que muitos permanecem mais do que em suas próprias casas? Não existe a necessidade de construir-se um laço, mesmo que profissional, entre educadores e educandos?

A escola quando não vai bem, é facilmente identificada, pois apresenta uma indisciplina constante dos alunos, um desânimo docente e uma gestão autoritária. É interessante nesse momento, lembrarmos da figura do coordenador pedagógico, que além de suas atribuições pedagógicas, deve ainda transformar o ócio e o

³ Antonio Carlos Gomes da Costa, pedagogo e um dos redatores do ECA, elaborou o conceito da chamada Pedagogia da Presença que reside na ligação sócio-cultural entre educador e educando. É fazer-se presente na vida do educando não apenas como professor, mas como aquele que ouve, aconselha e auxilia o jovem em construção.

desdém em eficiência e comprometimento⁴. A coordenação pedagógica dentro de uma gestão democrática é mais ampla e ativa, pois há o envolvimento e a participação de todos em todas as ocasiões. Não há o trabalho de “*euquipe*”, ou seja, o pode deixar que eu penso, que eu realizo, que eu ajo, não tem mais lugar. O trabalho em equipe passa a ser valorizado e cada ator sabe que deve desenvolver seu papel para que o sucesso seja alcançado, é a conscientização de que não se está sozinho. Na verdade, o papel do coordenador nas escolas públicas ainda não está bem definido e esclarecido para a comunidade escolar. Seria ele o responsável pela parte burocrática, pela vigilância de seus pares, pela solução dos problemas com discentes ou pelo desenvolvimento pedagógico? Afinal, qual o seu papel?

Cabe-nos esclarecer que hoje nas escolas públicas existe um desvio de função que acarreta em uma errônea divisão de tarefas para esse profissional, fazendo com que fiquem sobrecarregados e muitas vezes deixem seu trabalho de lado para atender aos pedidos mais urgentes da unidade escolar. Reconhecemos que a macroestrutura de uma escola exija muitas vezes tal atitude, porém também verificamos que os desvios funcionais empobrecem o desempenho dos profissionais e a valorização educacional tão pretendida. O coordenador pedagógico é um dos responsáveis pela existência ou não de uma gestão democrática eficaz, assegurando que a missão, a visão e os objetivos estabelecidos e acordados pela equipe escolar sejam cumpridos e alcançados. Ele deve liderar e conduzir o processo pedagógico, apresentando, discutindo e compartilhando de forma correta técnicas e metodologias, além de estruturar os recursos necessários para que isso ocorra na sala de aula. Ou seja, ele deve fazer com que o currículo aconteça no cotidiano escolar de forma pensada e planejada. Além de ser o responsável pela capacitação em serviço dos docentes não deixando que haja acomodações ou falta de motivação no aperfeiçoamento profissional dos mesmos. Além disso, é ele quem media os conflitos que devem levar a uma discussão construtiva, efetivando-se na busca dos resultados pretendidos pela escola e acordados no Projeto Político Pedagógico (PPP).

O PPP define a identidade da escola e delinea caminhos para realizar seus sonhos. Assim, um PPP bem estruturado traz confiança ao ser consultado em cada tomada de decisão. Ele deve ser um documento presente no dia a dia da escola e não apenas existente na gaveta da diretoria. Copiar e colar um PPP é mostrar uma realidade triste da escola: não tem identidade e não passa por mudanças. Isso é possível? Pode a escola ficar parada no tempo e nada ocorrer nem de positivo ou de negativo? Nenhuma mudança? Arendt afirma que, “a educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos” (1972, p.234).

As diretrizes de um PPP bem elaborado devem ser pautadas no conhecimento da própria comunidade (o que esses alunos realmente precisam aprender? Como fazer?) e claro, na proposta curricular presente. Suas etapas são três: planejar,

⁴ Infelizmente, ainda vemos muitos educadores desmotivados, sem interesse em mudanças, pois elas acarretam trabalho e comprometimento. Essa descrença é que leva a passividade de muitos que ainda se assustam frente ao novo.

executar e avaliar. É a discussão coletiva que leva ao trabalho individual de qualidade. É um não sentir-se só, mas apoiado pelos pares que deve permear a mente de cada educador na sala de aula. Observem que o cenário é complexo e os objetivos amplos, porém de nada vale tudo isso se não esquecermos a educação de anos atrás e buscar uma educação que esteja inserida no mundo globalizado e midiático que nos encontramos. Tudo, como já dito anteriormente, pautado na chamada Pedagogia Dialógica⁵, que traz consigo uma visão libertadora, que consegue através do conhecimento abrir as portas para que o educando torne-se cidadão, reconheça e lute por seus direitos e deveres. Gadotti, afirma que,

O diálogo proposto pelas elites é vertical, forma o educando-massa, impossibilitando-o de se manifestar. Neste suposto diálogo, ao educando cabe apenas escutar e obedecer. Para passar da consciência ingênua a consciência crítica, é necessário um longo percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua auto-afirmação enquanto sujeito. (GADOTTI, 1996, p.84).

A Gestão Democrática é a representatividade desse diálogo que deve ver o aluno não mais como um problema, mas como um desafio. Esse dialogismo permitirá que os conflitos sejam superados e que haja no ambiente educacional o direito social, do indivíduo e de cidadania garantidos. A escola é o lugar pelo qual todos devem passar para adquirir conhecimentos a fim de participar do destino transformador de sua própria sociedade. O direito ao conhecimento tem como pressuposto a igualdade de condições para todos, mostrando assim a importância e necessidade da educação democrática e, mais importante, dessa gestão democrática. Todos se fazendo ouvir e tendo voz dentro da escola para que a tão almejada qualidade se transforme em realidade.

As reuniões pedagógicas devem ser significativas e contextualizadas e não servir meramente para transmitir recados burocráticos. Deve-se coordenar métodos de ação que possibilitem à equipe tranquilidade e disponibilidade para exercer suas funções. Além disso, deve-se apoiar e replicar as boas práticas para incentivar e compartilhar com todos os sucessos pedagógicos dos professores. Nesse modelo de educação não se administra mais as pessoas, mas com as pessoas, que devem ser proativas e prontas a solucionar problemas e tomar decisões na hora certa (CHIAVENATO, 1997).

Dessa forma, há de se reconhecer dentro do ambiente escolar um trabalho coletivo, exigindo-se o conhecimento do saber e do fazer pedagógico e a execução dos projetos com toda a equipe, garantindo assim a educação de qualidade dentro da gestão democrática.

Concluindo, devemos finalmente reconhecer que a escola não deve ser vista como um lugar que existe apenas para dar abrigo aos alunos, ela deve ser um ambiente onde o conhecimento entre culturas aconteça, os valores sejam ensinados e entendidos, e que haja sempre descobertas entre os mais simples momentos que envolvem toda a educação. Se nosso dia apresenta salas antiquadas, giz e quadro

⁵ Visão freireana de que o diálogo é indispensável no âmbito educacional. Todos devem ter vez e voz obedecendo ao respeito mútuo.

negro façamos deles algo significativo e não apenas paliativo. Não devemos esquecer que no ambiente virtual a própria comunicação é feita de maneira assíncrona levando o educando a perceber que não está só, criando um laço não presencial, mas real àqueles que participam desse tipo de educação. A possibilidade de sermos uma escola mais democrática, seja presencial ou virtual, é que nos torna capazes de mudar o passado. Dessa forma, seremos capazes não de ensinar da maneira como aprendemos, mas de ensinar que aprendemos novas maneiras de ensinar a cada novo dia, livrando-nos do ranço do passado e criando a possibilidade ver o mesmo com um novo olhar capaz de construir uma verdadeira educação contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 4. Edição. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BELLONI, Maria Luiza. **Ensaio sobre a educação a distância no Brasil**. *Educ. Soc.*[online]. 2002, vol.23, n.78 [cited 2014-10-30], pp. 117-142 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200008&lng=en&nrm=iso>.
- CHAPLIN, Charles. **Tempos Modernos**. Título original: Modern Times. Preto & Branco. Legendado. Duração: 87 min. Warner, 1936.
- CHIAVENATO, I. **Recursos humanos**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.
- SCHWARTZMAN, S. **Educação: a Nova Geração de Reformas**. In: GIAMBAGI, F. et al.(org) **Reformas no Brasil: Balanço e Agenda**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003, p. 481-504.